

# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



**MATTOSO, José João da Conceição Gonçalves** (Leiria, 1933)

Filho do historiador António Gonçalves Mattoso, fez os seus estudos secundários nos liceus Rodrigues Lobo, em Leiria, e Gil Vicente, em Lisboa. Concluiu o Curso de Filosofia e Teologia dos Seminários no mosteiro beneditino de Singeverga (1951-1957), onde ingressara com 17 anos, e o Curso de *Sciences Historiques* da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade Católica de Lovaina (1957-1960), aqui tendo obtido a licenciatura com a tese *L'Abbaye de Pendorada des origines à 1160*, que teve a mais alta classificação. Nesta mesma Universidade obteve o doutoramento (1966), com uma dissertação intitulada *Le monachisme ibérique et Cluny. Les monastères du diocèse de Porto de l'an mille à 1200*, dirigida por Léopold Genicot e editada originalmente em 1968, em Lovaina. Deu aulas de História da Igreja no mosteiro de Singeverga (1960-1967), no Instituto Superior de Estudos Eclesiásticos do Porto (1968-1969), no Instituto Superior de Estudos Eclesiásticos de Lisboa (1969-1970) e na Faculdade de Teologia da Universidade Católica, também em Lisboa e no mesmo ano lectivo. Em 1971 ingressou como Professor Auxiliar na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde permaneceu até 1978, tendo regido diversas cadeiras, entre as quais História da Antiguidade Oriental, Metodologia da História e várias disciplinas e seminários de História Medieval. Em 1978 transferiu-se para a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, onde regeu cursos de Metodologia e Teoria da História, bem como diversas cadeiras e seminários de temática medieval. Nesta Faculdade realizou a sua Agregação e atingiu a cátedra (1979). Leccionou ainda História Institucional e Política Medieval na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (1980-1981) e coordenou uma cadeira de História do Ordenamento e Planeamento do Território do curso de Engenharia Civil do Instituto Superior Técnico (1993-1995). Após a independência de Timor-Leste, permaneceu neste país entre 1999 e 2006, tendo leccionado várias disciplinas no Seminário Maior de Díli e dado aulas no Curso de Literatura de Língua Portuguesa da Universidade local. No estrangeiro, deu ainda aulas ou proferiu conferências nas Universidades de Paris (Sorbonne), Bordéus, Poitiers, Santander, Santiago de Compostela, Sevilha, Oviedo e Roma, sobretudo ao longo das décadas de 1980 e de 1990. Além de diversos cargos de responsabilidade científica e administrativa na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas e na Universidade Nova de Lisboa, de que se destaca o de Vice-Reitor (1991-1995), foi ainda Coordenador da Comissão para a Reforma e Reestruturação do Arquivo Nacional da Torre do Tombo (1986-1988), Presidente do Instituto Português de



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Arquivos (1988-1990), Director do Instituto dos Arquivos Nacionais / Torre do Tombo (1996-1998) e Vice-Presidente do Conselho Superior de Arquivos (1999). Foi Académico de Número da Academia Portuguesa da História e membro da Academia das Ciências de Lisboa. Entre os vários prémios científicos e culturais que recebeu contam-se o Prémio Augusto Botelho da Costa Veiga da Academia Portuguesa da História (1982), o Prémio Alfredo Pimenta (1985), o Prémio de Ensaio do Pen Clube (1986), o Prémio Pessoa (1987), o Prix Böhus-Szögyény da Confédération Internationale de Généalogie et d'Héraldique (1991) e o Prémio da União Latina (2007).

Como historiador e homem de cultura, José Mattoso possui uma vastíssima obra, editada em Portugal e no estrangeiro, com mais de cinco centenas de títulos publicados, entre livros, opúsculos, artigos, comunicações a congressos e colaborações em obras colectivas. A *História de Portugal* (1993) que dirigiu, editada inicialmente pelo Círculo de Leitores em oito volumes e com uma “edição académica” da Editorial Estampa, da qual escreveu partes substanciais do primeiro e do segundo volumes, é uma obra monumental que constitui uma referência incontornável no panorama da historiografia portuguesa do final do século XX. De facto, a nova visão da nossa história proposta por José Mattoso, sobretudo no que respeita ao período medieval, constitui uma abordagem simultaneamente rigorosa – porque solidamente alicerçada nas fontes históricas e nas mais modernas metodologias e técnicas de análise – mas também questionadora dos factores e dos processos conducentes à formação e autonomia do reino português. Para além da história social, política e cultural, na sua acepção mais ampla, é o lento processo de construção da identidade nacional que Mattoso analisa e interpreta. Sobretudo nos seus livros *Ricos-Homens, Infanções e Cavaleiros* (1ª ed., Guimarães Editores, 1982) e *Identificação de um País* (1ª ed., Editorial Estampa, 1985), o Autor estuda os factores de diferenciação de Portugal no quadro dos reinos cristãos peninsulares da época medieval, bem como as razões que viabilizaram e “compuseram” um país marcado à partida por fortes contrastes regionais, históricos e culturais ainda hoje determinantes, mesmo quando ocultos. No Prefácio à edição de 2001, incluída nas suas *Obras Completas*, Mattoso sintetizava o que considerava serem as “teses fundamentais” na sua interpretação sobre os primórdios do reino de Portugal. Eram elas “a diversidade cultural e institucional do espaço português”, “o papel do feudalismo na estruturação do Norte, e do municipalismo na estruturação do Centro e do Sul”, e “o processo de formação de uma entidade política que passou primeiro pela tensão da monarquia com as formações senhoriais que se lhe opunham no plano regional e local, e que acabou por triunfar plenamente como uma das monarquias mais centralizadas da Cristandade”.

A inovação e a originalidade da obra de José Mattoso resultam, em larga medida, da abertura interdisciplinar do Autor e da sua capacidade para integrar os contributos de outros ramos do saber, nomeadamente da Geografia Humana, da Antropologia, da Linguística e da Sociologia. São patentes e assumidas as influências de um geógrafo como Orlando Ribeiro, de antropólogos como Jorge Dias, Ernesto Veiga de Oliveira, Fernando Galhano e Benjamim Pereira, de um linguista como Luís Filipe Lindley Cintra, de um especialista da história da literatura como António José Saraiva, entre outros autores destas e de



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

outras áreas científicas, cujos contributos, devidamente relacionados e colocados em perspectiva, serviram de fundamento para as originais teses de Mattoso. Em termos mais estritamente historiográficos, denota-se a influência da “escola” francesa dos *Annales*, tanto no recurso à interdisciplinaridade como na procura de uma visão global, de uma “história total” que parte da problemática formulada e que avança pela capacidade de suscitar respostas devidamente alicerçadas na documentação e na sua interpretação crítica. As mais marcantes influências, a este nível, foram as do medievalista belga Léopold Genicot (orientador da tese de doutoramento de Mattoso na Universidade Católica de Lovaina) e do francês Georges Duby. Essa influência directa é visível na assumida perspectiva de uma história social e, particularmente, nos estudos sobre a história da nobreza. As concepções de Duby acerca da mutação ocorrida no sistema de parentesco da nobreza no Norte da França, entre o século X e meados do XI, influenciaram de modo directo José Mattoso. Segundo Duby, de uma “família cognática”, com uma estrutura essencialmente horizontal, sem distinção hierárquica fundamental entre os seus elementos, incluindo os colaterais, ter-se-ia passado para uma “família agnática”, de estrutura vertical, linhagística, na qual os primogénitos masculinos detinham a supremacia face aos filhos segundos e às mulheres, com as inerentes repercussões num regime sucessório que privilegiava o chefe da linhagem e afastava da herança familiar os secundogénitos e os elementos femininos. Adoptando esta hipótese para o caso português, Mattoso considerou que a passagem generalizada do sistema cognático para o linhagístico se deu na segunda metade do século XII, portanto com algum desfasamento temporal relativamente ao fenómeno francês, mas com implicações semelhantes às verificadas por Duby. Também as metodologias adoptadas, incorporando o que de mais avançado se produzia no estrangeiro ou mesmo ensaiando processos originais entre nós (por exemplo, através da prosopografia), viriam a conferir aos estudos de José Mattoso um carácter pioneiro no âmbito da História Social, da História Religiosa ou da História da Cultura e das Mentalidades medievais. Este aspecto é tanto mais relevante quanto muitos dos campos explorados eram absolutamente inéditos entre nós. É o que acontece de forma particular nos estudos de história das mentalidades, onde revela influências de Jacques Le Goff e Jean-Claude Schmitt, nomeadamente nas investigações inspiradas pela Antropologia, sobre a morte e os mortos, sobre as representações do poder e sobre o sacramento da confissão. Havendo em Portugal uma boa tradição de estudos sobre a vida quotidiana (Oliveira Marques e Iria Gonçalves, entre outros), a área das mentalidades medievais ficara durante muito tempo quase deserta. Do mesmo modo, antes do decisivo contributo de Mattoso, os estudos sobre a origem e antecedentes de Portugal geralmente não distinguiam a construção ideológica da realidade. Neste particular, muito do que veio a ser estabelecido pelo Autor foi de tal modo assimilado que hoje se considera não só como consensual mas também como óbvio, embora estivesse completamente ausente da historiografia portuguesa anterior. É, por exemplo, o caso do papel dos infanções, a camada intermédia da nobreza que na região portugalense assume uma acrescida importância militar, administrativa, judicial e política após o desaparecimento dos condes de Portucale, em 1071, que reforçará as tendências autonomistas e apoiará o infante Afonso Henriques na luta pela independência face à Galiza e ao reino de Leão, ou também o caso das decisivas consequências



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

políticas da transferência da sede do poder portugalense de Guimarães para Coimbra, em 1131.

As sugestivas interpretações de José Mattoso não resultam de uma abordagem meramente ensaística da história portuguesa. Por trás das suas sínteses, sempre bem recebidas pelo grande público, está um minucioso e paciente trabalho de fina erudição que pode ser ilustrado, por exemplo, pela edição crítica de fontes históricas tão ricas e importantes como os livros de linhagens medievais portugueses (Nova Série dos *Portugaliae Monumenta Histórica*, Academia das Ciências de Lisboa, 1980; dois volumes, o segundo dos quais em dois tomos, sendo o primeiro volume em colaboração com o Prof. Joseph Piel). Também a reflexão sobre a disciplina da História, a sua prática e a sua escrita mereceram a atenção de Mattoso, num conjunto de textos cuja maioria está reunida na colectânea intitulada *A Escrita da História* (1ª ed., Editorial Estampa, 1988). Neste campo, José Mattoso sempre recusou a inclusão numa corrente determinada de pensamento, preferindo “encontrar em sistemas interpretativos antagónicos, ou que os teóricos consideram inconciliáveis, reflexões igualmente válidas e não tão exclusivas umas das outras como eles dizem” (Prefácio ao livro *A Escrita da História*, ed. de 2002, p. 7). A confessada “aversão pessoal por questões teóricas e por noções abstractas” (*A Escrita...*, p. 11) não impediu o Autor de procurar a sistematização das suas conclusões, nem o levaram a atenuar o rigor da cientificidade necessário à disciplina. Daí a expressa rejeição do alinhamento com as concepções pós-modernas, marcadas pela tendência para a atomização do conhecimento, pela indiferença ao factual histórico e pela “sua voluntária arbitrariedade” (*Ibidem*, p. 22). O esforço de reflexão sobre a história, as suas problemáticas e os seus resultados assumiu contornos mais concretos nos vários balanços acerca da produção historiográfica relativa à Idade Média, em Portugal. Por diversas vezes publicou pontos de situação que assinalavam os progressos realizados, os temas em aberto, as perspectivas de investigação e de síntese sobre a história medieval portuguesa, sem deixar de rever as suas próprias posições acerca da estrutura da família nobre em Portugal, em face dos estudos posteriores e das críticas de alguns dos seus discípulos. A expressão mais recente deste cuidado de reflexão e balanço é o livro colectivo *The Historiography of Medieval Portugal (c. 1950-2010)*, dirigido por Mattoso e em cuja Introdução traça um quadro global sobre os estudos medievais relativos a Portugal, entre meados do século XX e a primeira década do XXI.

A quantidade, a qualidade, o rigor e a originalidade dos trabalhos científicos de José Mattoso podem, pois, ser atestados pelo profundo e duradouro contributo que tem dado, desde a década de sessenta do século passado, para a renovação da melhor historiografia portuguesa e para o conhecimento das raízes, da construção e da identidade de um país que é, sobretudo, um produto da história.

**Bibliografia activa:** *A Nobreza Medieval Portuguesa. A Família e o Poder*, Lisboa, Editorial Estampa, 1981; *Ricos-Homens, Infâncias e Cavaleiros. A Nobreza Medieval Portuguesa nos Séculos XI e XII*, Lisboa, Guimarães Editores, 1982; *Religião e Cultura na Idade Média Portuguesa*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1982; *Portugal Medieval. Novas Interpretações*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1985; *Identificação de um País. Ensaio sobre as Origens de Portugal. 1096-1325*, I – *Oposição*, II –

# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

*Composição*, Lisboa, 1985; *Fragments de uma Composição Medieval*, Lisboa, Editorial Estampa, 1987; *História de Portugal* (direcção), 8 vols., Lisboa, Círculo de Leitores, 1992-1993; *Naquele Tempo. Ensaio de História Medieval*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2000; *A Abadia de Pendorada das Origens a 1160*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2002 (tradução portuguesa da tese de licenciatura); *O Monaquismo Ibérico e Cluny*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2002 (tradução portuguesa da tese de doutoramento); *A Escrita da História*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2002; *D. Afonso Henriques*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2006; *História da Vida Privada em Portugal* (dir.), 4 vols., Lisboa, Círculo de Leitores e Temas e Debates, 2010-2011.

**Bibliografia passiva:** *The Historiography of Medieval Portugal (c. 1950-2010)* (dir.), Lisboa, Instituto de Estudos Medievais, 2011. A mais completa bibliografia de J. Mattoso encontra-se no levantamento feito por Maria de Lurdes Rosa e publicado em “Bibliographie de José Mattoso”, *Revue Mabillon*, Orléans, Nouvelle Série, 17, 2006, pp. 249-259.

Bernardo Vasconcelos e Sousa



APOIOS:

